

APRESENTAÇÃO

Fazer Teologia que esteja na hora

O tema deste número poderia ser enunciado como *O Fazer Teológico, ante o apelo da hora*. A *hora* aponta a um local e a um tempo. A hora não é a mesma em todos os lugares, e os lugares não são os mesmos a qualquer hora. Nem mesmo o tempo e a hora se identificam, porque a hora pode ser confundida com um *chrónos*, o tempo mensurado e finito. Nesse sentido, uma Teologia pode ser pontual, sem ser da *hora*. Pode ser uma simples impressão das horas sobre o tempo, como as cifras ou os dígitos de um relógio, relativamente fácil de ler, mas irrelevante na *hora* do nascimento ou da morte, da dor e do sofrimento, da alegria e do abraço, da esperança e da festa. Uma verdadeira Teologia na hora, ao invés, é muito mais uma Teologia no *kairós*. É oportuna e pertinente, repercute a vitalidade e a agonia, sem medo de se contagiar com a ambigüidade que a própria vida representa. É capaz de sofrer a fragilidade dos momentos e a provisoriabilidade das certezas, para buscar na confiança peregrina a interlocução da Companhia.

Assim, a afirmação tradicional da Teologia como ciência, neste momento, é recolocada em questão, de diferentes maneiras e em diferentes lugares. De certo modo, há nisso uma solidariedade com os demais campos do saber, submetidos, também eles, às ingerências dos interesses em conflito. Mas a própria Teologia tem suas dores de parto, acompanhadas de outras indisposições, que incomodam e desacomodam. Nem sempre lhe é fácil descer, encurvada em sua bengala ornamentada, a escadaria de seu trono obsoletizada, para estar no burburinho da praça e viver a alegria

de brincar com a humanidade. Nos dois primeiros artigos, Érico Hammes e Luiz Carlos Susin, respectivamente, abordam, de pontos de vista distintos, esse novo lugar da Teologia: seu lugar como ciência entre as ciências e seu estatuto ante as Ciências da Religião.

Outros dois artigos, de David Plüss, da Suíça, Kurt Appel e Nicoletta Capozza, da Áustria, querem ser uma homenagem a dois centenários de nascimento deste ano: Dietrich Bonhoeffer, teólogo alemão, aprisionado nos campos de concentração, condenado à morte e executado pelos nazistas; Emmanuel Lévinas, filósofo judeu, sobrevivente dos campos de concentração, e um dos grandes nomes da Filosofia do século XX. O messianismo ou o messiânico em Lévinas atesta sua abertura sem confusão para a Teologia. O artigo sobre Bonhoeffer aborda a pergunta por sua Eclesiologia. Ambos os nomes representam um pensamento da *hora*, que não apenas sofreu, mas repercutiu uma dor anamnética para o futuro. Nesta seção deve registrar-se a ausência de outro centenário, Ernst Käsemann, igualmente uma testemunha honrada de fidelidade e honestidade com o tempo e a história. Como teólogo biblista, defendeu a precedência da existência concreta de Jesus e seu seguimento, como critério de leitura de sua interpretação. Representou o esforço de aceitar a crítica ao Cristianismo, sem renunciar ao testemunho corajoso, mesmo na perseguição, ao Evangelho. Sua vida foi avalizada pela tortura e execução da filha, Elisabeth, sob a ditadura militar argentina, em 1977. Ele mesmo faleceu em 1998.

Rudolf von Sinner e Pedro Kunrath, especialistas em E-cumenismo na EST, em São Leopoldo e na PUCRS, respectivamente, tratam da Eclesiologia. O primeiro estuda o tema a partir do Conselho Mundial de Igrejas Cristãs. O segundo, seguindo Jean-Marie Tillard. Eclesialidade aparece na comunicação de Márcio de Andrade, sob o ponto de vista litúrgico.

Na fronteira entre Filosofia, Teologia e ciências, os professores Reinhold A. Ullmann e Wilmar Barth, em níveis diferentes, demonstram as possibilidades e interrogações que emergem da consideração séria dos esforços humanos, tanto no pensamento puro do ser (Filosofia), como na geração e disponibilização de recursos das ciências e da tecnologia (nanotecnologia).

Já no fechamento da redação, chegou a notícia do falecimento de D. Luciano Mendes de Almeida, atualmente Arcebispo de Mariana. Pelo que representou para a Igreja, sua proverbial dedicação aos pobres, sua profunda sabedoria teológica e pastoral, sua capacidade inesgotável de cuidar das feridas da realidade, por suas madrugadas de aconselhamento, por tudo isso esta Revista não poderia deixar de registrar sua homenagem. Inteligência do amor e eclesialidade cairológica e martirial, assim o guardaremos.

Agradecemos aos que aceitaram o convite para escrever, especialmente aos colaboradores externos, à revisão do prof. Ullmann, à secretaria da Faculdade, pela digitação, e à Editora da Universidade pela impressão.

Pela Redação,

Érico João Hammes – Luiz Carlos Susin